



8 • Correio Braziliense — Brasília, sexta-feira, 9 de setembro de 2022

Bolsas Na quinta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Salário mínimo	Dólar Na quinta-feira	Euro Comercial, venda na quinta-feira	Capital de giro Na quinta-feira	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,14% São Paulo	110.864	R\$ 1.212	R\$ 5,206 (- 0,61%)	R\$ 5,206	6,76%	13,70%	Março/2022 1,62 Abril/2022 1,06 Maio/2022 0,47 Junho/2022 0,67 Julho/2022 -0,68
	2/9 5/9 6/9 8/9						

CONJUNTURA / Índice oficial de agosto deve contar, mais uma vez, com a ajuda dos combustíveis, mas, segundo analistas, o destaque pode ser a desaceleração do preço de alimentos, devido à queda da cotação de commodities no exterior

Expectativa de novo recuo da inflação

» RAFAELA GONÇALVES

As reduções de impostos e ajustes de preço de algumas commodities devem continuar derrubando a inflação. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulga hoje o resultado de agosto do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que mede a inflação oficial no país. A expectativa dos analistas é que o indicador venha pelo segundo mês consecutivo no campo negativo, após recuo de 0,68% em julho.

A projeção do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV) é de que o índice recue 0,52%. O coordenador dos Índices de Preços do instituto, André Braz, disse que a deflação dos alimentos deve ser o grande destaque do mês. “A novidade que devemos ter é uma descompressão da inflação dos alimentos, sustentada pela desaceleração das grandes economias. Esses países vão crescer menos e a demanda menor por commodities vai acabar impactando no preço dos alimentos”, afirmou.

O Ibre divulgou alguns indicadores, ontem, que antecipam o que está por vir. O Índice Geral de Preços — Disponibilidade Interna (IGP-DI) registrou queda de 0,55% em agosto. Já o Índice de Preços ao Consumidor — Semanal (IPC-S), que calcula a variação de preços de produtos e serviços em sete capitais do país, registrou recuo no grupo alimentício,

que passou de 0,07% na semana anterior para -0,04% ontem.

Segundo Braz, a conjuntura global das commodities têm influenciado a queda principalmente do preço dos grãos, efeito que deve começar a ser visto nos próximos indicadores de inflação. “É um ponto importante, principalmente para as famílias de baixa renda, que comprometem grande parte do orçamento com a compra de alimentos. Esse cenário deve perdurar ainda por um tempo, pois a desaceleração das principais economias do mundo mal começou”, avaliou.

Com a queda das commodities, os combustíveis, que foram o principal vetor para a deflação no último mês, também têm espaço para uma redução ainda maior nos preços. “O petróleo vem caindo bastante, principalmente nos últimos 30 dias, o barril está sendo vendido por menos de US\$ 100. Isso deve ajudar a reduzir o preço dos combustíveis ainda mais aqui no Brasil”, observou o economista-chefe da Valor Investimentos, Piter Carvalho. A expectativa dele é que o IPCA venha com queda de 0,30 ponto percentual.

Segundo o analista da Top Gain, Sidney Lima, a tendência de queda da inflação deve se estender como consequência de dois pontos principais: “A gente basicamente se antecipou e saiu na frente da maioria dos países com o aumento da taxa de juros, para conter o consumo das famílias. Outro ponto é esta baixa generalizada das commodities, que vai sendo repassada para toda a cadeia”, afirmou.

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Corte de tributos vem segurando os índices ao possibilitar a redução dos preços da gasolina nas bombas

O resultado de hoje do IPCA será um indicador importante para o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC), que vai se reunir nos dias

20 e 21 de setembro para definir se aumenta ou não a taxa de juros básica da economia brasileira, a Selic, atualmente em 13,75% ao ano. Apesar do recuo

nos índices de preços, ainda há desconforto da autoridade monetária com o andamento da inflação que tende a manter os juros em patamar elevado.

“Mão de Deus” no mercado

Após uma série de medidas para reduzir os preços dos combustíveis — da troca no comando da Petrobras à redução de impostos cobrados sobre diesel e gasolina —, o ministro de Minas e Energia, Adolfo Sachsida, disse que “a mão de Deus” ajudou na redução de valores nas bombas.

“Primeiro, a mão de Deus nos ajudou para que o preço do diesel caísse. Segundo, tínhamos um plano e o mantivemos. Não podemos sair com medidas do lado oposto ao que queremos”, afirmou ele à Agência Estado.

O ministro lembrou que o momento que considerou mais tenso — junho, mês seguinte ao da sua posse na pasta —, quando o barril do petróleo tipo Brent era vendido acima de US\$ 120, atingindo a maior cotação em dois meses e uma das maiores em quatro anos.

“O câmbio continuou a ajudar, e sabemos que, depois de muitos dias chovendo, vai fazer sol”, disse Sachsida, um dos ministros mais próximos do presidente Jair Bolsonaro.

Recentemente, a Petrobras anunciou várias reduções de preços dos combustíveis, feito que tem sido alardeado pelo presidente na sua campanha à reeleição. Bolsonaro trocou o comando da estatal três vezes desde que assumiu a Presidência.

Juro alto lá fora pressiona câmbio

» ROSANA HESSEL

O Banco Central Europeu (BCE) anunciou alta de 0,75 ponto percentual na taxa referencial de juros da Zona do Euro, a segunda elevação do ano. A instituição reconheceu que a inflação não é temporária e, assim como o Federal Reserve (Fed, o banco central dos Estados Unidos), passou a adotar um discurso mais duro no combate à carestia e avisou que novas altas estão a caminho. O aperto nos juros virá para combater uma inflação que está em 9,1%, e, como efeito colateral, ajudará a frear a economia europeia, com reflexos negativos em todo o mundo, em particular nos países emergentes. O Brasil, por exemplo, é um grande exportador de commodities agrícolas e minerais para a União Europeia, o segundo maior parceiro comercial do país.

A decisão do BCE segue o que vem sendo feito nos Estados pelo Federal Reserve (Fed, o banco central do país). Analistas avaliam que a subida dos juros nos países desenvolvidos deve também pressionar a taxa de câmbio. Julio Hegedus, economista-chefe da Mirae Asset, disse que, “por enquanto”, prevê a divisa norte-americana encerrando o ano em R\$ 5,10, mas admitiu que

a tendência é que ela pode “tranquilamente” subir ainda mais. Na Garde Asset Management, a projeção para o câmbio no fim de dezembro está em R\$ 5,30. E a Capital Economics, que fez um alerta, ontem, sobre o aumento da demanda por prêmios de risco no Brasil, projeta o dólar cotado em R\$ 5,50 no fim deste ano.

Com a decisão do BCE, a taxa referencial dos 19 países que compartilham o euro passou de zero para 0,75% ao ano, maior patamar desde 1999. “Esse é um passo importante para garantir que a inflação retorne à nossa meta de 2%. Mais etapas (de alta nos juros) seguirão e elas dependerão de como as perspectivas de inflação se desenvolverem”, destacou o comunicado do BCE. O texto reconheceu que os custos de energia estão “extremamente elevados”, especialmente o gás, e admitiu problemas de abastecimento nas empresas e com a desvalorização do euro.

Após o anúncio da decisão do BCE, a presidente da instituição europeia, Christine Lagarde, fez um pronunciamento reforçando que “a inflação da Zona do Euro está alta demais”, muito acima da meta, de 2%. Ela admitiu que haverá novas elevações de juros nas próximas reuniões, mas não garantiu que serão feitas no mesmo

Olivier Matthys/AFP



ritmo. “Vamos determinar, reunião por reunião, o nível das próximas altas, dependendo dos dados econômicos”, disse Lagarde, reconhecendo que, apesar de a decisão ter sido unânime, houve divergências sobre a condução da política monetária.

Firmeza

Ainda ontem, o presidente do Fed, Jerome Powell, fez um discurso bastante duro contra a inflação. “Nós precisamos agir agora com firmeza, como temos feito, e manter esse trabalho de controle da inflação até a sua conclusão”, afirmou. Em 27 de agosto, o Fed elevou a taxa básica de juros em

0,75 ponto percentual, aumentando o intervalo para 2,25% a 2,5% ao ano. “A história adverte fortemente contra o afrouxamento prematuro da política monetária”, acrescentou. Powell destacou ainda que o mercado de trabalho dos EUA continua “muito forte” e espera que, por meio da alta dos juros, a economia recupere níveis salariais compatíveis com uma inflação de 2% ao ano.

Analistas chamaram a atenção para o discurso mais duro do BCE. “Era preciso uma conduta mais dura do BCE diante das perspectivas não muito animadoras que se avizinham na Europa”, destacou Julio Hegedus, em referência à crise de abastecimento de gás

gerada pela guerra criada pela Rússia na Ucrânia. Apesar da inflação elevada, ele fez um alerta sobre os riscos de o BCE conduzir uma alta muito forte dos juros e jogar o Velho Continente em uma recessão. “O índice de preços foi a 9,1%, com o núcleo em torno de 5%, decorrente do maior custo de energia. Algumas medidas, como os tetos para os preços de energia e gás natural, podem ajudar os bancos centrais no combate à inflação na Europa. A dúvida será saber se os russos vão aceitar isso”, acrescentou.

“Há duas semanas, os banqueiros centrais passaram a demonstrar maior preocupação com a inflação e a adotar

discursos mais ‘hawkish’, e, por isso, a decisão do BCE era esperada”, disse Lucas Zaniboni, analista sênior da Garde, em referência ao termo usado no mercado quando os bancos centrais são mais duros no combate às altas de preços. Para ele, o comunicado do BCE foi mais duro do que o discurso de Lagarde.

De acordo com Zaniboni, o choque de juros na Europa ainda não é suficiente para valorizar o euro, que ainda não recuperou a paridade com o dólar. Contudo, ele lembrou que, nos EUA, qualquer novo aumento do Fed deverá “jogar contra a moeda brasileira”. (Com informações da AFP e da Agência Estado)

A inflação da Zona do Euro está alta demais. Vamos determinar, reunião por reunião, o nível das próximas altas de juros, dependendo dos dados econômicos”

Christine Lagarde,
presidente do Banco Central Europeu